

A Feira de São Joaquim

Fernanda Querino¹

Maria Raquel Mattoso Mattedi²

Resumo

Este artigo tem como finalidade apresentar as características da Feira de São Joaquim sob os aspectos do abastecimento da cidade, da sua relação com a população, das manifestações culturais desenvolvidas no seu contexto e da sua evolução no crescimento de Salvador. Com a pretensão de avaliá-la em questões urbanísticas atuais, averiguar os estudos realizados cujo tema seja a expressão da Feira de São Joaquim.

Palavras-Chave: Feira de São Joaquim – Salvador, Bahia

Introdução

Este artigo foi elaborado para promover um esclarecimento sobre as inúmeras funções e atuações da Feira de São Joaquim, no bairro da Calçada em Salvador, realçando a sua importância no contexto sócio-econômico e histórico-cultural da cidade, como a maior feira da atualidade. Inicialmente será feita uma abordagem sobre feiras, para introduzir o objeto de estudo com maior significância. Em seguida, a história será retratada através da Feira do Sete e da Feira de Água de Meninos, antecessoras de São Joaquim. Um levantamento de informações será utilizado para conferir um perfil aos seus usuários, aos feirantes e para analisar os tipos de mercadorias

¹ Estudante do Curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Salvador.

² Socióloga, Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia e Doutorando em Planejamento Urbano e Desenvolvimento Regional pela Universidade de Barcelona.

e prestações de serviços ocorrentes na Feira como também destacar as suas peculiaridades para a cidade de Salvador.

As Feiras

As feiras consistem numa reunião de produtores e consumidores, em caráter periódico e temporário, para compra e venda de produtos característicos. “No Brasil, as feiras livres só foram regulamentadas no início do século XX(...) E, de lá para cá, pouco mudaram. (...) A feira é de certa forma frágil: subordinada ao poder público, aos horários, sem instalações permanentes. (...) Tudo conspira contra, mas ela resiste” (SAREM/SEPLAN-PR). Grande parte da população de baixa renda utiliza a feira como local de compra, não só de produtos da cesta básica, mas também para a aquisição de louças, bebidas, vestuário, calçados e miudezas. Isso mostra que os objetos de comercialização de uma feira não estão voltados unicamente para o abastecimento alimentar (OCEPLAN, 1979).

Abastecimento da Cidade

A emergência e a expansão da rede de auto-serviços a partir dos anos 1960, e a implantação do CEASA (Centro de Abastecimento de Salvador), no início da década de 1970, provocaram significativas mudanças na estrutura do abastecimento da cidade. Com a urbanização, as populações de classe média e alta não dispunham de muito tempo para freqüentarem as feiras, nessa mesma ocasião surgiram os grandes mercados, com o intuito de atender à parcela social mais favorecida. Mesmo perdendo essa clientela, as feiras continuaram a ter o seu prestígio, principalmente para os mais necessitados (RIOS e LIMA, 1989).

A Feira de São Joaquim

A Feira de São Joaquim “por muitos anos se espalhava das imediações do 7º Armazém das Docas, localizava-se a chamada Feira do Sete. (...) O movimento era intenso de saveiros chegando do Recôncavo, abarrotados de tudo o que esta zona rica produz. (...) Com o prolongamento do cais das Docas, a Feira mudou-se para a Enseada de Água de Meninos, aumentando consideravelmente o seu tamanho. Passados alguns anos, desapareceu na voragem de um incêndio, para a infelicidade dos barraqueiros, e a felicidade do urbanismo da nossa cidade da Bahia” (MEIRELLES, 1973). A cronologia da Feira como um elemento único apresenta-se assim: nos anos 1920, como a Feira do Sete; em 1932, como Água de Meninos, e, com o incêndio em 1964 a Feira muda-se para atual localização, na Enseada de São Joaquim. Completa, em 2006, 42 anos.

A Feira e o Sindicato dos Feirantes

O Sindicato dos Feirantes é a unidade responsável pela organização da Feira e pelo controle do número de barracas e de comerciantes que são inseridos em seu contexto. Cada feirante deve pagar uma importância de R\$ 10 reais por mês, tendo direito à consulta médica e ao uso de um clube para atividades de lazer. O sanitário existente na Feira foi realizado graças ao Sindicato. De acordo com o Sindicato, a Feira possui 34.000m² e 7.500 feirantes cadastrados, com cerca de 4.000 *boxes*, recebendo uma visita diária média de 20.000 pessoas.

Mercadorias Vendidas e Prestação de Serviços

Em 1992, uma pesquisa foi realizada para saber os produtos mais vendidos na Feira de São Joaquim. As hortaliças, verduras e legumes estão no primeiro patamar; as frutas vêm em seguida; farinha, feijão, carnes, cereais, aves e ovos, pescados, laticínios, vestuário e, na seqüência, camarão, dendê, amendoim e outros. Além da compra dessas mercadorias, o usuário dispõe de alguns serviços como os de bar e de barbearia, entre outros (PMS, 1992).

Perfil dos Feirantes

Um estudo realizado pela Secretaria Municipal de Abastecimento em 1980 apresenta os aspectos sócio-econômicos do comerciante. A faixa etária média dos feirantes era de 38 anos, 33,82% dos entrevistados possuíam idade acima dos 45 anos e a maioria, 39,07%, é de jovens (RIOS e LIMA, 1989). Em relação à escolaridade, constatou-se que apenas 18% possuíam o 1º e o 2º graus completos, destes últimos, a maior parcela correspondendo ao 1º grau; 35,86% dos entrevistados eram analfabetos, ou semi-analfabetos (RIOS e LIMA, 1989).

Os resultados apontaram que aproximadamente 4% da população da feira ganhavam acima de dez salários mínimos, enquanto 60,64% recebiam até três salários mínimos. A renda pessoal média dos comerciantes da Feira de São Joaquim era de 3,35% salários mínimos, entre eles, 84,26% possuíam a renda do ponto comercial como única fonte. Na população da Feira, a quantidade média de dependentes por família era de 6,6. Entre os dependentes, 60% estavam em idade escolar (pré, 1º e 2º graus). Além disso, 85% do número total de dependentes não trabalhavam. Apenas 14,73% estavam exercendo atividade remunerada, contribuindo para o aumento da renda familiar (RIOS e Lima, 1989).

Dos feirantes consultados, 72,30% possuíam algum tipo de bem, 27,70% nada possuíam, 60,93 residiam em casa própria e 25,95% do total pagavam aluguel para residirem. Um fato interessante sobre a Feira de São Joaquim refere-se à procedência da população, pois 71% dos comerciantes nasceram no interior da Bahia e apenas 29% deles nasceram em Salvador (RIOS e LIMA, 1989).

Em se tratando de uma população de baixa renda, o transporte mais utilizado no trajeto residência-feira era o ônibus, seguido do carro próprio e, por fim o trem aparece como a opção de transporte menos utilizada. A maioria dos comerciantes da Feira residia,

com um percentual de 96,79% em bairros de baixo poder aquisitivo. Sendo que destes: 33,52% residiam nas proximidades da Feira, a exemplo dos bairros da Liberdade, Itapagipe, Uruguai, Jardim Cruzeiro e Calçada (RIOS e LIMA, 1989).

Perfil dos Usuários

O perfil do usuário da Feira de São Joaquim também foi captado por uma pesquisa desenvolvida, em 1980, pela Secretaria Municipal de Abastecimento. Nela, 70,60% da população não possuía o 1º grau completo e 81,60% tinham renda mensal inferior a 5 mil cruzeiros*, destas 67,60% dispunham de renda inferior à 2 mil e quinhentos cruzeiros*. (RIOS e LIMA, 1989).

Outras observações relacionam-se ao usuário da Feira, como o tempo de uso e o motivo de escolha do local: 50,60% dos freqüentadores tinham mais de dez anos comprando nela, 5,40% tinham menos de um ano e 37,20% tinham de um a nove anos freqüentando a Feira. Quanto aos motivos, 54,35% encolhiam-na por apresentar preço mais acessível, 21% consideravam a diversificação dos produtos e 4% alegavam a proximidade da casa (RIOS e LIMA, 1989).

Infra-Estrutura

Em 1994, detectou-se na região da Feira um foco de leptospirose, sendo o ambiente considerado propício à cólera. As mesmas questões das quais se queixavam feirantes e consumidores de outrora continuam a desagradar a todos na atualidade. Para a época, era necessário saneamento básico como uma emergência, a realização de um programa educação sanitário-ambiental, a construção de sanitários públicos, a recuperação da rede de drenagem, que se mostrava obstruída, por causa do lixo no chão e a intensificação da limpeza urbana (PMS, 1994).

* Valores da época.

O Sistema Viário e a População

De acordo com Carybé, a Feira “fica lá embaixo, junto ao mar, num amontoado inverossímil de barracas divididas por becos, ruelas e passadiços, formigando de gente, de saveiros, de jegues” (CARYBÉ, 1976).

Na década de 1970, entre o *Ferry-boat* e a antiga Sede da Petrobrás, a Feira era cortada por um ramal de carga da Linha Férrea Federal e margeada, pelo lado Leste, por uma via de tráfego intenso, não sendo o melhor local a ser indicado para o movimento de pessoas em busca de gêneros alimentícios. Paradoxalmente, por ter uma localização excelente com relação à cidade e, sobretudo, aos bairros e a população de baixo poder aquisitivo, São Joaquim parece ter um ótimo logradouro (OCEPLAN, 1979). No decorrer do tempo, alguns problemas surgiram devido à utilização do canteiro central entre a Avenida Oscar Pontes e a Avenida Jequitaia, como um ponto de comércio. A aglomeração naquela região era a grande causadora de acidentes, até que houve uma proibição desse uso. A movimentação dentro da Feira é algo muito importante. Os caminhos tortuosos são percorridos a pé, pelos carrinhos-de-mão, pelas bicicletas e pelos caminhões que trazem as mercadorias, para o interior da Feira. Pelo mar, os saveiros aportam desembarcando os pescados e o artesanato. Na área externa, a população dispõe de pontos de ônibus e de táxi.

Ocupação Desordenada

Analisando a expansão da Feira desde quando acontecia em frente ao 7º Armazém das Docas percebe-se que ela cresceu sempre no sentido do Bonfim, até a localização em

que hoje se encontra, na Enseada de São Joaquim. Nesta localidade, uma nova ampliação seria impossível, pois ela está limitada pelo terminal do *Ferry-boat*, pela Avenida Oscar Pontes, pelo antigo prédio da Petrobrás e pelo mar. Dessa maneira, tornou-se um espaço já totalmente saturado, inchado e com tendências a verticalização, o que está ocorrendo, gradativamente, na atualidade. Isso prejudica a incidência solar e a ventilação, acarretando problemas para a higiene local (OCEPLAN, 1979).

Os animais e a Feira

Caminhando pela Feira, são vistas diversas espécies de animais à venda. Em gaiolas enferrujadas ou “soltos” pela área do *Box*, estão sempre em condição de maus tratos, convivendo com a superlotação e o estresse diariamente. A fiscalização contra os maus tratos e a comercialização ilegal de animais é falha. Lá, encontram-se pavão, canário-da-terra, curió, porco-espinho, cobra, sagüi, cágado, papagaio, entre os mais comuns, além de cabra, coelho, galinha, galo, rato de laboratório, preá. Muitos desses animais são utilizados em rituais de candomblé (A TARDE, 1982).

Reportagens e Assuntos mais Ocorrentes

Em matérias de jornal sobre a Feira de São Joaquim evidencia-se que os assuntos mais abordados são o seu precário saneamento básico e infra-estrutura, as propostas de melhorias, as posições do Sindicato dos Feirantes, o constante adiamento da remoção de alguns feirantes, as ampliações, o turismo alternativo da cidade e o comércio livre de algumas mercadorias ilegais são outras abordagens desenvolvidas pela imprensa.

Diagnósticos e Propostas de Intervenção para a Feira de São Joaquim

Graças às deficiências da infra-estrutura da Feira de São Joaquim e à sua importância cultural para a cidade, uma quantidade razoável de estudos, diagnósticos e

propostas urbanísticas de intervenção foi desenvolvida ao longo da sua existência por profissionais da área, na Prefeitura Municipal de Salvador.

A Feira de São Joaquim como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil

Uma das questões mais recorrentes sobre a Feira de São Joaquim na atualidade é o seu reconhecimento, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil, o que iria regularizar a situação dos feirantes em relação ao terreno em que trabalham e preservar a cultura incutida na movimentação típica da Feira em suas ruelas. Alguns eventos acontecem em seu interior a fim de enfatizar a necessidade de tornar a Feira um monumento cultural, a exemplo de exposições fotográficas e de apresentações musicais (www.maianga.com.br).

Aspectos Culturais

A Feira de São Joaquim é uma referência cultural para a cidade. Ela é um dos focos principais de atração do turismo alternativo de Salvador, mostrando explicitamente as mazelas e a beleza peculiar da área de uma feira que abastece a maior parcela da população soteropolitana de baixa renda, numa explosão de cor e diversidade em seu labiríntico interior. É cenário para livros e filmes como o aclamado romance do escritor baiano Jorge Amado no livro *Capitães da Areia* de 1937 e de obras como a recente aparição cinematográfica em *Cidade Baixa* do diretor Sérgio Machado em 2005. O filme *A Grande Feira*, realizado em 1961, por Roberto Pires apresentando a antiga Feira de Água de Meninos com uma perspectiva crítica, abordando a “sua importância para a economia local e os interesses políticos relacionados à remoção da Feira” (www.maianga.com.br). Na atualidade a Feira de São Joaquim é traduzida nas lentes de fotógrafos que buscam a inspiração na complexidade sócio-econômica situada na Enseada de São Joaquim, o movimento da clientela, a propaganda do feirante, a passagem de carrinhos de mão, os saveiros atracados, as cores das frutas e dos adereços do candomblé, o artesanato, a grande mistura que se encontra nessa Feira característica

da cidade de Salvador. A última série de fotografias tiradas por Sérgio Guerra visou à comparação visual e conceitual de dois centros comerciais importantes em continentes diferentes, o da Feira de São Joaquim e o do Mercado de São Paulo, em Luanda, a capital da Angola, quando “foram expostas 438 fotografias” (www.maianga.com.br). “As imagens, emolduradas em painéis preto-e-branco, explicitavam os traços comuns dos mercados populares (...) tanto como as características culturais comuns” (www.maianga.com.br). A exposição intitulada Lá e Cá aconteceu entre os meses de janeiro e março de 2006 na Feira de São Joaquim e no Mercado de São Paulo.

Tudo é Cor, Cheiro e Movimento

“A feira é de quem chega” (HEBEISEN, 1951). A Feira de São Joaquim aspira poesia para quem estiver passando. “O mal da Feira é o cheiro espesso da maresia, o barro se chove ou a poeira se faz sol, mas o colorido e a vida compensam”. “Azeite de dendê, pimenta malagueta, cocos e todos os tipos de ingredientes divinos” (CARYBÉ, 1976).

Significância

“Há fatores que fazem da Feira de São Joaquim um centro de abastecimento com um significado social maior do que as outras feiras, supermercados e centrais de abastecimento de Salvador” (RIOS e LIMA, 1989). Ela abastece, direta ou indiretamente, cerca de 50% da população da cidade (Rios, Lima, 1986). É preferida pela população de baixo poder aquisitivo, pela proximidade e pela oferta barata e diversificada que ela oferece aos usuários, revelando assim a sua intrínseca relação com a Feira de São Joaquim. (RIOS, LIMA, 2006). “É aí que se abastecem os vendedores ambulantes, os hotéis, restaurantes e as famílias pobres” (CARYBÉ, 1976).

Considerações Finais

A feira de São Joaquim é uma unidade completa que consegue ser palco, espectador e ator ao mesmo tempo, no conflito diário da movimentação das pessoas e no burburinho de cada oferta. É uma manifestação artística e cultural apreciável para qualquer indivíduo, que ficará fascinado pela sua dinâmica colorida e constante, de uma vitalidade incrível. Ela consegue sobreviver dignamente aos obstáculos que lhe foram induzidos, dada à importância que ela tem para a cidade de Salvador, a cidade rica e a pobre, a alta e a baixa, a branca e a negra, a Feira de São Joaquim é vida e traduz perfeitamente a diversidade das relações humanas.

Referências

CARYBÉ. **As Sete Portas da Bahia**. Rio de Janeiro. 1976, p 37.

Comércio de animais é livre em São Joaquim. **Jornal A TARDE**. Salvador, Nov. 1982.

HEBEISEN, Paulo K. **Coleção Recôncavo** – Salvador.1951.

MEIRELES, Edilson de Palma. **A Bahia que Eu Conheci**. Salvador..1973.

PEIXOTO, Jafé, LEMOS, Gláucia, **Comércio Baiano – Depoimentos para sua História**. Salvador: Associação Comercial da Bahia.

RIOS, Terezinha, LIMA, Maria de Fátima. **A Feira de São Joaquim**. Salvador: Secretaria Municipal de Abastecimento, 1989.

SALVADOR: Prefeitura Municipal. Comissão Executiva do Programa de Valorização da Área da Enseada de São Joaquim – **Programa de Valorização da Área da Enseada de São Joaquim** – Salvador: Prefeitura Municipal, 1994.

SALVADOR: Prefeitura Municipal – **Diagnóstico sobre a Feira de São Joaquim – Subsídios para o Plano de Intervenção** – Salvador: OCEPLAN, 1979.

SALVADOR: Prefeitura Municipal – **Estudos e Diretrizes para Intervenção na Feira de São Joaquim – Relatório Síntese** – Salvador: Prefeitura Municipal de Salvador, 1992.

Sites Consultados

<<http://www.maianga.com.br/midia/noticia>> Capturado em 09/08/2006

<<http://www.jornaldamidia.com.br/noticias>> Capturado em 08/09/2005

<<http://www.emtursa.ba.gov.br/Template>> Capturado em 09/00/2006